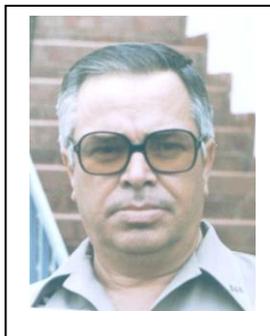


FHE **POUPEX**

**O 140º ANIVERSÁRIO DE JOSÉ PLÁCIDO DE CASTRO - O GAÚCHO
LIBERTADOR E PROCLAMADOR DA INDEPENDÊNCIA DO ACRE**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de artigo do autor para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB WWW.ahimtb.org.br e cópia impressa para ser integrada no Programa Pêrgamo de bibliotecas do Exército

O 140º ANIVERSÁRIO DE JOSÉ PLÁCIDO DE CASTRO - O GAÚCHO LIBERTADOR E PROCLAMADOR DA INDEPENDÊNCIA DO ACRE

Cel Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da FAHIMTB e AHIMTB/Resende
Marechal Mário Travassos e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
(IHTRGS)



O coronel José Plácido de Castro foi um jovem gaúcho, líder militar nato, que o destino caprichoso impeliu para o Acre, para um grande encontro com nossa História, ao prestar serviço, já no século XX, à defesa e preservação da Integridade, Soberania e Unidade brasileiras.

Liderando bravos nortistas, desbravadores e povoadores da região, proclamou o Acre Estado Independente, em 6 de agosto de 1902, em Xapuri.

Consolidou-o pelas armas, em duros combates, em 171 dias de campanha. Libertou a região de séria ameaça potencial representada por poderosos grupos econômicos internacionais, interessados em dominar, inclusive, com apoio militar, fontes de produção de borracha na Amazônia.

Evocamos sua vida e obra, no seu 140º ano de nascimento, apontando-as como exemplo e inspiração a brasileiros de hoje, que velam pela Soberania e Integridade do Brasil na Amazônia, ou que participam da grande cruzada patriótica de desenvolvê-la e integrá-la.

Da ação militar e política deste herói, combinada com a ação diplomática do grande patriota Barão do Rio Branco, resultou a incorporação ao Brasil, pelo Tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903, do atual Estado do Acre.

DESCENDENTE DE GUERREIROS

Plácido de Castro nasceu em Tapera da Genoveva, em Laranjeiras, distrito de Santa Margarida, São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 23 de dezembro de 1873. Segundo seu batistério, era filho, sobrinho, neto e bisneto de militares que lutaram em 1801-1870, em defesa da Soberania e Integridade do Brasil, em nossa Fronteira Sul – **“A Fronteira do Vai e Vem”**, na inspirada expressão do historiador, tradicionalista gaúcho e poeta Cel PM Hélio Moro Mariante, patrono de cadeira na FAHIMTB.

A casa de seu pai tornou-se ponto de encontro de veteranos da Guerra do Paraguai. Nela, o assunto principal era a recordação de lances militares deste conflito. A mente infantil de Plácido foi povoada pelos feitos guerreiros de seus antepassados, durante seis campanhas contra os espanhóis e seus descendentes.

ADOLESCÊNCIA DIFÍCIL

Com 9 anos começou a trabalhar. Com 12 anos perdeu o pai e passou a sustentar a mãe e seis irmãos menores. À procura de maior salário, trabalhou em Bagé e São Francisco de Paula, até atingir idade para realizar seu sonho, ingressar no Exército.

SOLDADO DO REGIMENTO MALLET

No mês seguinte à Proclamação da República, com 16 anos e quatro dias, ingressou no Exército como soldado. Escolheu, em São Gabriel, a unidade de grande tradição guerreira, o legendário 1º Regimento de Artilharia de Campanha, o atual Regimento Mallet de Santa Maria. Esta unidade escrevera páginas imortais de glória militar nas guerras contra Oribe e Rosas (1851-1852) e do Paraguai (1864-1870). Após seis meses, Plácido era cadete.

CADETE EM RIO PARDO E PORTO ALEGRE

No segundo semestre de 1890, ingressou na Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo onde, após 2 anos e meio, era 2º sargento. Em 1893, passou a frequentar a Escola Militar de Porto Alegre, último degrau para tornar-se oficial do Exército.

CARREIRA FRUSTADA



Plácido de Castro estudou no Casarão da Várzea, atual caserna do Colégio Militar de Porto Alegre, cujo pátio foi batizado com o seu nome pelo Cel Art QEMA Jonas de Moraes Correa Neto, quando comandante do Colégio (Fonte: Capa do nosso livro (ao lado) em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis publicado em 2008, onde é destacada a maquete do CMPA erguida por alunos).

Ao entrar para a Escola Militar, a política dividia a família brasileira. Ela penetrou na Escola e dividiu seus alunos em florianistas e federalistas. Estourara no Rio Grande do Sul a Revolução de 1893, caracterizada por uma violência inaudita e desrespeito a vida do adversário. Cadetes florianistas encabeçaram abaixo-assinado, pedindo o fechamento da Escola para lutarem contra a Revolução. Plácido, apolítico, segundo seus biógrafos, recusou-se a assinar o documento. Foi desligado da Escola, declarado suspeito, preso e enviado à Bagé para servir no Batalhão de Transportes, além de ficar privado do uso de arma de fogo. Neste exato momento frustrara-se, para sempre, seu sonho de ser oficial do Exército.

REVOLUCIONÁRIO FEDERALISTA

Na véspera do combate do Rio Negro, em Bagé, ele abraçou a causa da Revolução. Apresentou-se aos chefes revolucionários e conseguiu a libertação de dois companheiros do Exército, presos na véspera. Um deles seu inimigo. Dessa generosidade ele daria várias mostras na Revolução Acreana. Em 1893, Plácido participou de quase quarenta (40) ações de combate.

Completo sua formação militar na Academia Militar das Coxilhas "**vendo, tratando e pelejando**". Com 21 anos incompletos, era major por bravura e disputado entre seus chefes. Jovem, não se deixou envolver por práticas bárbaras introduzidas nesta revolução, entre as quais o degolamento de adversários inermes, costume abominável introduzido por caudilhos orientais, contrário à tradição de **Firmeza e Doçura** do gaúcho brasileiro. Tradição que encontrou no general Osório seu maior expoente.

A FORJA DO GUERREIRO

Os três anos e meio passados no Exército e os dois anos de revolução seriam responsáveis por sua escolha como general e comandante do **Exército do Acre**, à frente do qual realizaria feitos militares retumbantes. Dentro de critérios táticos e estratégicos de grande validade em Arte e Ciência Militar que ele soube adaptar à realidade amazônica, diametralmente oposta a das coxilhas do Rio Grande do Sul a que se acostumara.

ADEUS ÀS ARMAS

Com a Paz de Pelotas, em 1895, que colocou um fim à Revolução, Plácido não retornou ao Exército. Assistia-lhe, de direito, esta faculdade. São desconhecidos os motivos do não retorno. Depois de breve período em São Gabriel, foi para o Rio de Janeiro onde tornou-se guarda e inspetor de alunos do Colégio Militar. Incidente com um oficial professor de Geografia obrigou-o

a se demitir. Após, trabalhou nas Docas de Santos, onde praticou o ofício de agrimensor, condição que o levou à Amazônia, contratado para demarcar seringais.

A Amazônia fervilhava com a Questão Acreana. Os limites entre o Brasil e Bolívia no Acre eram discutidos. As diplomacias dos dois países esforçavam-se por definí-los. A seca de 1877, no Nordeste, atraiu para o Acre milhares de nordestinos que terminaram por desbravar e povoar aquela região selvagem, ao custo de 100.000 vidas imoladas por uma ecologia adversa, paraíso de febres palustres. O Brasil reconheceu o domínio boliviano sobre parte da área desbravada e povoada por nordestinos que já se consideravam acreanos. Eles argumentavam: **" se o Brasil não quer o Acre, os acreanos não desejam ser bolivianos"**.

Em 14 de julho de 1899, em Empresa, o espanhol Luiz Galvez, após descobrir o tratado entre os governos da Bolívia e os EUA, lesivo aos interesses acreanos, proclamou o Acre como estado independente. O Brasil interferiu e ajudou a Bolívia a restabelecer seu domínio sobre a área.

Jovens de Belém, inconformados, organizaram uma força para libertar o Acre. Esta força passou à história como **Expedição dos Poetas**. Após alguns êxitos, fracassou por falta de um líder militar.

Plácido recusou comandá-la, obediente à decisão do governo brasileiro. Atacado de febre palustre dedicava-se, como agrimensor, a demarcar seringais.

UM CAVALO DE TRÓIA AMEAÇA A AMAZÔNIA

O governo boliviano, visando lucros e a manter seu domínio sobre o Acre, recorreu a capitais privados norte-americanos e ingleses, sedentos de dominarem as fontes de produção de borracha na Amazônia.

Formou-se o **Bolivian Syndicate**. Este adquiriu o direito, por arrendamento, de administrar o Acre e ali manter uma força armada. O arrendamento incluía área reconhecidamente brasileira, segundo constatação de Plácido de Castro.

Era um Cavalo de Tróia a ser introduzido na Amazônia, por poderosos capitais internacionais, com apoio oficioso dos EUA. Precedentes, na África e Ásia, mostraram que grupos idênticos terminaram por colonizar e dominar importantes áreas de alguns países, onde penetraram com os mesmos propósitos. Era uma ameaça à Soberania e Integridade do Brasil, Bolívia e Peru.

A OBRA RESERVADA AO JOVEM GAÚCHO

Eram imprevisíveis, a longo prazo, as consequências funestas para o Brasil e Bolívia, se concretizado o acordo do Bolivian Syndicate.

Teríamos hoje uma grande nação a dominar grande parte da Amazônia brasileira, boliviana e peruana? O Brasil exerceria soberania sobre a navegação no Amazonas e seus principais afluentes? Quais os reflexos negativos sofridos pela geopolítica brasileira na Amazônia? Seria mantida a Integridade e Soberania do Brasil na área? Estas e outras perguntas assaltaram a mente do patriota e estudioso de Geografia - Plácido de Castro.

PROJEÇÃO DA OBRA DE PLÁCIDO NO BRASIL

Neste contexto é que se insere a grande obra que irá realizar Plácido de Castro, sem rival no século XX, na defesa e manutenção da Integridade, Unidade e Soberania do Brasil na Amazônia, área que somente há pouco tempo os brasileiros tiveram condições, com grandes sacrifícios, de darem início à grande batalha para integrá-la e desenvolvê-la, para não entregá-la, sob pressões imprevisíveis do futuro do mundo, em acelerada explosão demográfica.

Por outro lado, seriam abandonados à própria sorte milhares de brasileiros acreanos, desbravadores e povoadores da região, desde quase meio século. No Acre, encontravam-se

sepultados milhares de nordestinos imolados na luta para dominar aquela região selvagem e remota.

ENCONTRO COM SEU DESTINO E COM A HISTÓRIA

Plácido encontrava-se na Amazônia desde 1898, com 25 anos de idade. Acompanhava com simpatia a Questão Acreana, sem nela envolver-se. Brasileiros e bolivianos da área chegaram a um acordo de convivência fraterna. Ao tomar conhecimento do teor do contrato, lesivo ao Acre, ao Brasil e também à Bolívia, decidiu impedir que se consumasse. Aderiu à revolução. Daí por diante foi o catalisador, organizador e pregador da Revolução, com vistas a impedir a invasão e controle da área por capitais alienígenas, interessados em controlar fontes de produção de borracha.

INDEPENDÊNCIA DO ACRE

Em 6 de agosto de 1902 conquistou Xapuri e proclamou a Independência do Acre. Fez com que todos os presentes assinassem a **Ata de Independência**, a fim de comprometerem-se no movimento. Durante mais de um mês percorreu a pé, a cavalo, em canoas, todos os recantos do Acre, no afã de mobilizar para a reação militar que dentro em breve se faria sentir. Nos seus mais agudos momentos de febre palustre, fez-se transportar em rede. Decorrido cerca de um mês, conseguiu mobilizar, organizar, equipar e adestrar um pequeno exército de 66 homens e fortificar diversos seringais. Por ele, o Brasil definiu a situação do atual Estado do Acre em troca de compensações territoriais, em dinheiro e obras civis de grande projeção econômica para a Bolívia.



Ao lado, monumento em Rio Branco, Capital do Acre ao Proclamador de sua Independência em Xapuri em 2 de agosto 1902 (Fonte: Arquivo do autor; foto tirada em 1973 por ocasião de sua visita ao Acre, como membro da Comissão de História do Exército do EME).

IMPERATIVO CÍVICO



Acima, parte de trás do monumento com a data em que ele proclamou a Independência do Acre e sua frase, ***“E ainda há tanta coisa a fazer pelo Acre”*** (Fonte: Arquivo do autor de foto retirada em sua visita ao Acre em 1973).

Abaixo, placa de bronze no Monumento ao Cel Plácido de Castro, uma alegoria à remoção de uma pesada corrente que barrava em Porto Acre a navegação por brasileiros do rio Acre. Figura junto com o autor um historiador membro do Instituto Histórico e Geográfico do Acre, funcionário do Governo estadual e guia em nossa visita e que, lamentavelmente, decorridos 40 anos não lembro seu nome. Mas ele foi muito prestimoso e dominava a história do Acre (Fonte: Foto do arquivo do autor em sua visita ao Acre em 1973).



Plácido morreu em 11 de agosto de 1908, vítima de uma emboscada preparada por desafetos políticos, dois dias antes, no Seringal Benfica. Teve o mesmo destino trágico de seu avô do qual herdou o nome, o major do Exército José Plácido de Castro.

Seus restos mortais repousam em Porto Alegre. Dia virá em que o Acre os reclamará para fazê-los repousar no cenário de suas glórias, na terra de seus intrépidos comandados acreanos que escreveram uma epopeia em defesa da Integridade e Soberania do Brasil.

Na terra daqueles heróis que submergiram, um após outro, sob balas inimigas, na tarefa de cortar uma corrente que barrava a navegação do rio Acre defronte a Puerto Acre. Na terra da heroína Angelina Gonçalves de Souza, que combateu a luta mais desigual com o inimigo, em protesto pelo trucidamento de seu marido. Enfim, na terra de outros tantos heróis assinalados, na luta peia libertação do Acre, muitos esquecidos, de quem somente Deus sabe os nomes!

Seu retomo é um imperativo cívico, para a reverência eterna dos acreanos, aos quais ajudou a conquistar a liberdade e o direito de serem brasileiros e, para o respeito dos irmãos bolivianos ao adversário valoroso e generoso que lutava, não contra a Bolívia ou contra seus irmãos bolivianos, mas, contra o Bolivian Syndicate que ameaçava não só a Integridade e Soberania do Brasil, como a da própria Bolívia, e a liberdade de seu povo, comprometida seriamente, a longo prazo.



Alegoria da emboscada em que Plácido de Castro foi vítima em 9 de agosto de 1908, no Seringal Benfica, acompanhado por seu irmão depois deste frequentar a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo e a Escola Militar da Praia Vermelha, conforme abordamos suas desventuras em nosso livro em parceria com o Cel Caminha: *Escolas Militares de Rio Pardo*. Vide em Fontes bibliográficas (Fonte Internet).



Ao lado, túmulo de Plácido em mármore, no Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, para onde foi levado por seu irmão, atendendo a seu apelo antes de morrer: “Que tão logo pudesse retirasse do Acre os seus ossos. E direi como aquele general africano: Esta terra que tão mal pagou a liberdade que lhes dei é indigna de guardá-los” (Fonte: Arquivo da AHIMTB/RS - Academia Gen Rinaldo Pereira da Câmara).

Em 1973, produzimos a plaqueta **Centenário do Libertador do Acre Plácido de Castro**, que foi editada pela SUDAM e distribuída amplamente

pelas escolas da área, a pedido do Cel Milton Câmara Sena, superintendente da SUDAM, que eu havia conhecido no Recife em 1970/71, quando ele era Chefe do EM da 7ª RM e do qual havia recebido muito apoio, como coordenador do IV Exército, do Projeto, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes.

O general Aduato Bezerra de Araújo, filho do Acre, quando comandante da 3ª Região Militar, no Rio Grande do Sul, descobriu o batistério de Plácido de Castro, no qual consta ele ter nascido em 9 de dezembro de 1873 e não 23 de dezembro, como até então era aceito. Em 1973, como membro da Comissão de História Militar do EME, por gestões do citado General Aduato, chefe de Gabinete do EME, com apoio do Governo do Acre e do Brigadeiro Faria Lima, pesquisamos no Acre a vida e obra de Plácido de Castro. Percorremos todos os locais relacionados com a Conquista do Acre e foram tiradas muitas fotos por fotógrafo colocado à nossa disposição, em especial de Porto Acre e do local onde Plácido de Castro foi emboscado em companhia de seu irmão Genesco. Este, em 1902, estudara na Escola Preparatória de Rio Pardo, onde foi protetor do aluno Bertoldo Klinger, dos trotes de que fora vítima, os quais se tornaram grandes amigos.

No Acre encontrei à beira da morte o Sargento Feitosa, o mateiro de Plácido de Castro, exibindo orgulhosamente uma bússola, presente de Plácido de Castro a ele, com a qual navegava no meio da selva, deslocando-se por rumos e abrindo picadas na floresta, evitando deslocamentos pelos caminhos nelas pré-existentes, usados pelos seringalistas, para prevenir caírem em emboscadas.

Conheci, recolhido a um hospital, o herói que cortou com uma lima a corrente que barrava a navegação em Porto Acre. Ele, por noites seguidas, usando a lima com azeite, e metido num fosso por onde a corrente passava, terminou por cortá-la. Ele, na convicção que seu ato heroico seria punido, internou-se muito jovem, por cerca de 70 anos nos seringais bolivianos, de onde, nonagenário, foi encontrado muito doente pelo padre pároco de Rio Branco e recolhido a um hospital desta cidade. Aparecem comigo na foto abaixo.

Foto do herói, então nonagenário que, muito jovem, cortou a corrente que barrava a navegação em Porto Acre e que, muito doente, decorridos 70 anos, foi recolhido a um hospital de Rio Branco pelo padre cearense que aparece na foto, e que lamentavelmente, decorridos 40 anos, não lembro seu nome, mas que pode ser identificado pelos que o conheceram no Acre (Fonte: Foto do arquivo do autor, lembrança de sua visita ao Acre em 1973, como membro da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército)

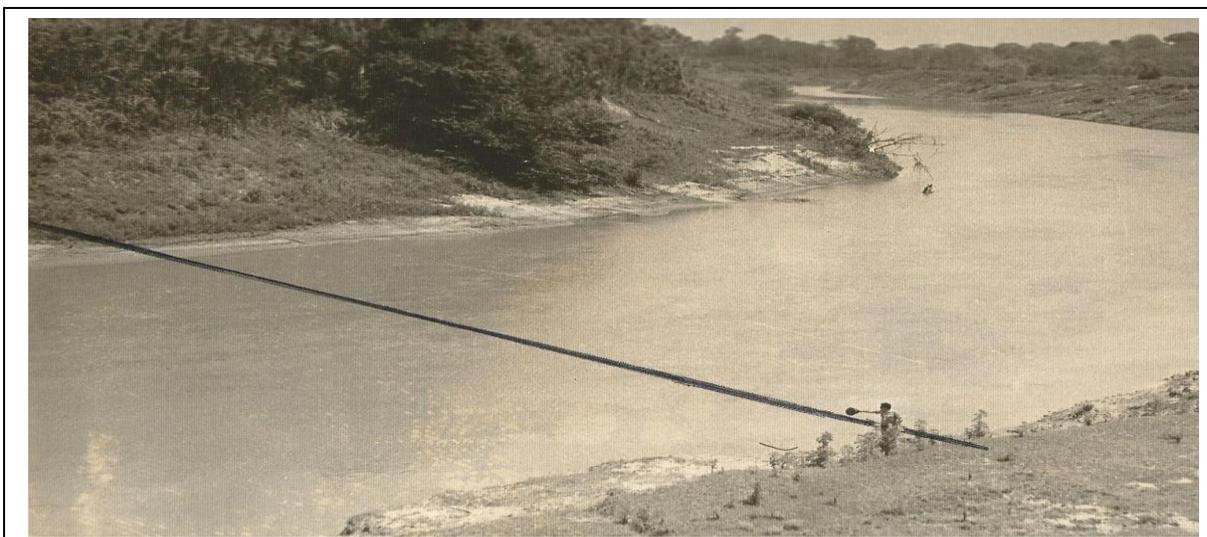


Foto em que aponto com o quepe o estratégico local onde os bolivianos colocaram a pesada corrente no rio Acre, na altura de Porto Acre. A linha representando o local da corrente foi desenhada pelo autor (Fonte: foto tirada da margem direita, que foi ocupada por forte contingente boliviano).

Por longos anos, a corrente que barrava a navegação no rio Acre, figurou num monumento em Rio Branco. Removida para uma reforma do monumento foi recolhida a um depósito da Prefeitura de Rio Branco. Interessado em conhecer aquele troféu, alta autoridade de Rio Branco combinou que no outro dia iria me mostrar. Mas esta autoridade não apareceu no dia seguinte. Mais tarde soube que ela faltou ao compromisso porque, ao tentar localizar a corrente para me mostrar soube que, inadvertidamente, foi dado um fim a histórica corrente sem atentarem para o grande simbolismo do troféu. Foi lamentável. Não sei se depois foram encontrados pedaços da mesma.

Plácido de Castro tem sido alvo de justas homenagens é nome de município no Acre bem como nome do Plácido de Castro Futebol Clube local.e de um Centro de de Tradições Gaúchas. É denominação do moderno Aeroporto de Rio Branco, a seguir , à esquerda



Ao lado, visita ao Sargento Feitosa que fora, no início do século XX, uma espécie de ordenança e mateiro de Plácido de Castro. Encontrei-o muito doente e preso ao leito, aos cuidados de um netinho de cerca de 6 anos. Ele ainda conservava com muito orgulho a bússola que havia recebido de Plácido de Castro, a qual eu seguro na mão direita (Fonte: Arquivo pessoal do autor, disponível no acervo da FAHIMTB em sua sede na AMAN).



Ao lado Aeroporto Plácido de Castro em Rio Branco-RO



Cel José Plácido de Castro em 1907, aos 37 anos de idade, um ano antes de ser assassinado, em foto em sua casa cercado por seus cachorros de estimação, tirada pelo Cel Art inglês Perci Fawcett, famoso arqueólogo britânico que desapareceu ao organizar expedição para procurar uma civilização perdida na Serra do Roncador em Barra do Garças MT (Fonte: Wikipédia Livre).

Plácido de Castro é nome, desde 27 de abril de 1974, ano seguinte ao seu centenário, do Centro

de Tradições Gaúchas (CTG) Cel José Plácido de Castro em Rio Branco, Acre (ao lado), e também nome de Grupo de Escoteiros em Porto Alegre e de rua em São Paulo-SP.

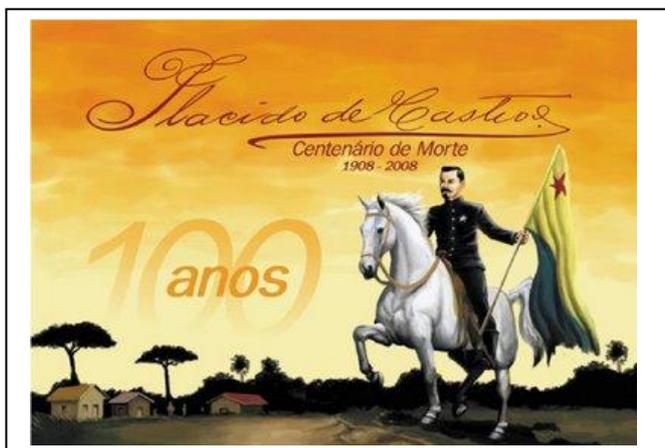


Foto 1, busto em bronze de Plácido de Castro no Passeio Público, na cidade do Rio de Janeiro. Foto 2, convite do Governo do Acre para as comemorações do Centenário de Morte do Cel Jose Plácido de Castro em 2008.

FONTES

BENTO, Claudio Moreira, Cel. **Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação, Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2004.** Porto Alegre: AHIMTB/Gênese, 2004.

_____. Centenário do Libertador do Acre. Manaus: SUDAM, 1973 (Contribuição da SUDAM ao Centenário de Plácido de Castro e distribuído às Escolas da Amazônia).

_____. A Campanha Militar do Acre. in: **Amazonia Brasileira. Conquista. Consolidação. Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2005.** Porto Alegre: AHIMTB/Genêsis, 2004, p. 229/240.

_____. A Amazônia e seus desafios para o 3º Milênio. **O Guararapes** Nº 22, p.18/19.

_____. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. Escola Militar Preparatória de Rio Pardo. Genesco de Castro, irmão de Plácido de Castro e sua amizade com Bertoldo Klinger. in: **Escolas Militares de Rio Pardo 1859-1911.** Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005, p. 88/99.

_____. A História Militar Terrestre Crítica da Amazônia uma necessidade. Belo Horizonte: **Jornal Grupo Inconfidência** BH-MG, Mar-Jun, 2000.

CASTRO, Genesco de. **O Estado Independente do Acre.** Rio de Janeiro: Tipografia São Benedito, 1930 (o autor era irmão de Plácido de Castro e estava ao seu lado na emboscada mortal que matou seu irmão).

FIGUEIREDO, Osório Santana. Cel José Plácido de Castro, in: **São Gabriel desde o princípio.** Santa Maria: Palloti, 1980, 2. ed, p.193/195.

_____. **Plácido de Castro.** Santa Maria: Palloti, 2007.

FREGAPANI, Gélío. **Manual de Operações de Guerra na Selva.** Brasília: Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército, 1972 (Ex-comandante do CIGS).

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha Giorgis. Plácido de Castro, in **O Tradição** (órgão de divulgação do MTG e IHTRGS, ao tempo de Edson Otto, grande tradicionalista gaúcho, organizador em Capão da Canoa –RS do 1º Congresso Tradicionalista Brasileiro do qual tivemos a honra de participar)

GOYCOCHEA, Castilhos. "Plácido de Castro; o derradeiro bandeirante". **RIHGRGS**, Porto Alegre, 1940, 1º trimestre, p. 89-126.

HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. "Campanha do Acre". Rio de Janeiro: Estado – Maior do Exército, 1972, v. 2, p. 750-66.

JOUBIN, P.J. Mallet. Plácido de Castro. Depoimento histórico, operações militares e perfil psicológico. **RIHGB**, nº 57, 58 e 59, 1976/77.

LESSA, Luiz Gonzaga S, General. Amazônia. Rio de Janeiro: **Revista do Clube Militar**, nov 1999 (Publica sua palestra sobre a Amazônia feita nas escolas do Exército e em diversos locais para despertar a sociedade brasileira para os perigos que a ameaçam e com a autoridade de ex-comandante militar da Amazônia).

LIMA, Cláudio de Araújo. **Plácido de Castro - um caudilho contra o imperialismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Brumar, 1960.

Edição artesanal

Editor: Cel Cláudio Moreira Bento

Presidente da FAHIMTB e AHIMTB Resende Marechal Mário Travassos e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS)